



NARRATIVAS SOBRE BENZIMENTOS NO SERTÃO DA RESSACA (1940-1990)

NARRATIVES ABOUT BLESSINGS IN SERTÃO DA RESSACA (1940-1990)

Isabela de Jesus Gomes¹

Mainara Mizzi Rocha Frota²

1

DOI: <https://doi.org/10.22481/sertanias.v6i2.18525>

SOUZA, Grayce Marye Bonfim. **Ramos, rezas e raízes: histórias, narrativas e benzimento no Sertão da Ressaca (1940-1990)**. Recife: EDUPE, 2023.

Resumo: Esta resenha é fruto da leitura do livro “Ramos, rezas e raízes: histórias, narrativas e benzimento no Sertão da Ressaca (1940-1990), de autoria de Grayce Marye Bonfim Souza, que discorre sobre a história e a trajetória das mulheres benzedoras da região de Vitória da Conquista, na região do sudoeste da Bahia, sendo este trabalho fruto de sua pesquisa de Mestrado na área de Ciências Sociais, defendido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Palavras-chaves: Benzimento; Benzedura; Legitimação.

No livro “Ramos, rezas e raízes: histórias, narrativas e benzimento no Sertão da Ressaca (1940-1990), a autora Grayce Marye Bonfim Souza discorre sobre a história e a trajetória das

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), vinculada ao Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE). Graduação em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UES. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Atua principalmente nos temas: História Cultural, História Oral, educação quilombola e a implementação da Lei 10.639/03. E-mail: isabellegomes295@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4322-0866>

² Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (2021), mestrado em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2012) e graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Montes Claros (2008). Professora titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB- Jequié) e professora permanente do Programa de Pós graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidades (PPGREC-UESB). É membro do Grupo de pesquisa "Educação e saúde da terra e suas comunidades - UESB. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Movimentos Sociais, Diversidade e Educação do Campo e da Cidade (GPEMDECC)/UESB). Tem experiência na área de Sociologia, Sociologia rural, atuando principalmente nos seguintes temas: Agroecologia, Feiras Agrocológicas, gênero, Educação do campo, movimentos sociais, MST e feminismo. E-mail: mainara.rocha@uesb.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7884-5130>



mulheres benzedoras da região de Vitória da Conquista na região do sudoeste da Bahia. O conteúdo desta obra segue dividido em introdução e mais quatro capítulos, permitindo ao leitor um conteúdo de grande valia, principalmente quando destaca em seus escritos a construção da benzeção na história e sua contribuição ainda na época da sua pesquisa. Na introdução, a estudiosa procura evidenciar os motivos que levaram a pesquisar o tema, bem como a suas justificativas pessoais e de pesquisadora para se debruçar sobre esta temática, esclarecendo a sua proximidade em acessar serviços de benzeção durante a sua vida, sobretudo na infância. Ainda na parte introdutória, ela apresenta as contribuições de autores que deram suporte para a construção de sua pesquisa, apresentando um referencial literário e teórico que encorpam o seu trabalho no decorrer de sua escrita.

No primeiro capítulo intitulado “O palco da benzedura”, Souza nos traz um panorama da história da cidade de Vitória da Conquista e do seu contexto urbano e rural com a benzeção, sendo este capítulo dividido em dois subtítulos, o inicial como “Localização e pequeno perfil histórico de Vitória da Conquista”, onde ela aponta como aconteceu a dominação dos primeiros bandeirantes que se estabeleceram na região e as batalhas que ocasionaram a desterritorialização dos povos originários que povoavam a localidade. Na parte dois deste capítulo, ela procura demonstrar como a benzedura ocorre nos contextos rurais e urbanos, desvelando as especificidades entre ambas e os processos de migração do campo para a cidade, tornando este conhecimento, mais propício a zona rural, como uma ferramenta acessível ao contexto urbano. A autora pontua algumas adaptações necessárias para a continuidade da prática pelas mulheres benzedoras que agora eram moradoras de uma periferia urbana, possibilitando, assim, novas concepções ao exercerem o seu ofício, inovando ao apresentar práticas popularmente rurais num contexto urbano periférico.

Na segunda parte desse capítulo, com o título “Práticas populares de cura e elementos da medicina erudita” dividido em quatro subseções, Souza destaca na história os usos da medicina popular em uma linearidade de tempo, sendo essa uma atividade de cuidado que surge com a evolução do homem para manter-se são, passando por todos os tempos históricos, até a ciência médica moderna que conhecemos na atualidade. É evidenciado ainda pela autora algumas práticas dos primórdios da medicina e que é apresentado por ela como semelhantes a práticas tradicionais e/ou populares de tratamento, fortemente perseguida pelos tribunais do Santo Ofício, com penalidades exercidas aos praticantes por essas formas alternativas de curar.

Ela traz ainda uma importante discussão sobre a medicina social e a sua importância para os grupos que acessam esses serviços, trazendo exemplos da legitimação dos indivíduos dessas comunidades a quem oferece trabalho de cura.

Ainda no capítulo II, a autora disserta sobre a história da saúde e as políticas de saneamento do Brasil no século XX, expondo práticas medicinais que sempre desfavorecia as camadas pobres, assegurada por várias fontes históricas e pautando exemplos de outros países, como a Alemanha, na implementação de políticas de governo que visavam a sua estruturação na representação do poder das elites, terminando este capítulo com uma leve abordagem sobre a pandemia de Covid19 que afetou o mundo em 2020, porém a autora limita-se ao contexto brasileiro demonstrando a péssima atuação governamental frente aos enfrentamentos de combate ao contágio.

Seguindo para o penúltimo capítulo, nomeado como “A benzeção: da iniciação a legitimação”, trata-se de um capítulo destinado a aprofundamento na discussão sobre o ofício das benzedeadas investigadas, sendo indicado por ela a trajetória destas mulheres que convivem com esse ofício de benzer, além do saber em manipular as raízes e plantas. Souza apresenta neste capítulo as principais formas como este dom se apresenta e quais foram as formas relatadas pelas participantes da pesquisa e que ela identificou. A primeira é como algo divino, revelado às mulheres que benzem por meio de uma interação com algo espiritual, absorvida através de alguma instrução de uma força inumana, divina e de um plano espiritual, geralmente ligado a religião que essa mulher professa; já a segunda forma de absorção desse conhecimento, segundo as descobertas da pesquisadora, ocorre por intermédio da oralidade, ou seja, a transmissão entre gerações, não é apontado pela autora qual das duas formas ocorreu com maior frequência.

Ao falar da legitimação deste ofício, Souza volta a argumentar que o grupo social no qual essas mulheres estão inseridas atribuem a elas essa legitimação enquanto portadores de um dom de curar, e seguindo a lógica da história da saúde, a autora vai demonstrando como esses serviços são acessados por pessoas de comunidades menos favorecidas, como as periféricas e as rurais do município de Vitória da Conquista. Discorre, ainda, sobre a dificuldade do acesso a serviços de saúde e para além, posto que existem males que são de ordem dos conhecimentos das benzedeadas. Ainda nesta seção, os símbolos usados nesse universo da benzeção são de suma importância para concretude de sua legitimidade frente a sua comunidade, alguns destes



símbolos são os seguintes: a bondade, a referência ao número três, a cruz, os ramos, as plantas e as raízes. Segunda a autora, estes elementos simbólicos são os responsáveis por caracterizar esse universo mítico da benzeção, que não está ligado somente a formas de medicina, mas a um ambiente composto por místicas religiosas que vão além da simples consulta em busca de alívio para suas dores.

A parte final deste livro, o IV capítulo “O que se cura, como se cura e quem é curado?” busca demonstrar como acontece a cura a partir dos relatos coletados durante a investigação da pesquisadora, indicando as formas mais comuns encontradas por ela durante as entrevistas com as benzedeadas. É observado o quanto é comum a invocação dos poderes dos santos católicos e da Santa Trindade nas rezas, sendo apontado como um ato que vai além da fé somente da benzedeadas, portanto é preciso da dimensão da fé também de quem é benzido para que haja a eficácia de uma cura. É observado, ainda, diversos símbolos atribuídos ao catolicismo como o sinal da cruz, utilização de terços e menção a Deus e aos santos.

Este livro apresenta os tipos de males comuns que levam à procura de uma benzedeadas, sendo alguns deles o quebranto, mau-olhado, erisipela, cobreiro, dor de dente, dor de cabeça, espinhela caída, vento virado, estopouro, carne quebrada, caxumba, rubéola, sarampo, catapora, epilepsia, reumatismo, mordida de cobra, queimaduras e outros atendimentos como crises conjugais, problemas financeiros, desemprego e outros de ordem emocionais e sociais. As benzedeadas tratam cada uma destas enfermidades com rezas específicas e auxílio de plantas e raízes medicinais juntamente com as orientações divinas para potencializar as curas com resguardos específicos quando necessário.

Dentre os vegetais e plantas mais citados nas entrevistas, a autora destaca o alho, a arruda, o pinhão branco e roxo, o fedegoso, o barbatimão, o mastruz, a tanchagem, a romã. Indicam chás de umburana macho, noz moscada, tapete de oxalá, capim santo, erva cidreira, erva doce, hortelã, alfazema além dos banhos com a flor do sabugueiro e a própria alfazema, entre outros. Ela consegue captar ainda que existem formas particulares na manipulação destas ervas e raízes para preparo e na época da pesquisa a orientação para alcançar uma eficácia era a utilização do fogão a lenha para o preparo destes remédios, chá e banhos.

Durante todos os seus escritos, Souza faz referência a fontes históricas com suporte para discorrer sobre esse ofício da benzeção na história colonial do Brasil, assim como menciona e refere-se a outros espaços da Europa com prática semelhantes, identificando esse tipo de





atividade em outros momentos históricos. Isso permite uma compreensão alargada de como este saber popular de curar foi e continua sendo essencial à humanidade ainda nos dias atuais. A autora deixa claro que o saber da benzerão não é algo estático, mas que se reinventa e resiste com o passar do tempo.

As contribuições de Grayce Marye Bonfim Souza são importantíssimas para continuarmos possibilitando o protagonismo das mulheres benzedoras em suas comunidades e atuação social. Como portadoras de saberes que carregam um grande conhecimento e com modos de vida particulares ao seu meio de vivências, a valorização destes saberes ancestrais mantém viva a existência de tradições e culturas que tendem a ser invisibilizadas. Podemos observar nesse livro essas reinvenções e adaptabilidades com a migração da zona rural à urbana, sendo necessário novas adaptações para manutenção da prática, permitindo que não houvesse um apagamento desses saberes.

Recebido: 25 de dezembro de 2025

Aprovado: 28 de dezembro de 2025



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

